

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

TRÊS CURIOSIDADES ARQUEOLÓGICAS DO PERÍODO LUSITANO-ROMANO.

CARDOSO, Mário

Ano: 1938 | Número: 48

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Três curiosidades arqueológicas do período Lusitano-romano. *Revista de Guimarães*, 48 (1-3) Jan.-Set. 1938, p. 82-84.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Três curiosidades arqueológicas do período lusitano-romano

O Padre Carvalho da Costa, na sua *Corografia Portuguesa* ⁽¹⁾, falando das antiguidades da freguesia de S. João de Rei, no têrmo da Póvoa de Lanhoso, diz que próximo da Igreja paroquial existe «um monte a que chamão o Castro, que mostra ser fortificação dos Romanos».

Pôsto não fôsse o pequeno outeiro de S. João de Rei, que ainda há pouco visitámos, «fortificação dos Romanos», como supunha o erudito P.^e Carvalho, foi sem dúvida alguma um castro intensamente romanizado. A certifiçá-lo estão algumas antiguidades ali aparecidas, três das quais são actualmente propriedade do Sr. P.^e José Carlos Simões de Almeida, professor no Internato Académico, em Guimarães, e natural daquela freguesia.

Vamos descrevê-las, pois merecem ficar arquivadas nas páginas desta Revista, por serem na verdade interessantes. Uma delas, aparecida há bastantes anos, já não está inédita. Trata-se de uma curiosa bipene de bronze (fig. 1) a que aludimos num breve estudo sôbre artefactos daquele tipo ⁽²⁾, possivelmente objectos votivos, ou até pequenas ferramentas de trabalho. Tem 8,5 cm. de comprimento e pesa apenas 56,6 gramas. Descrevemo-la dêste modo, sucintamente, no referido estudo: «Apresenta esta machadinha uma bela pátina, escura e lustrosa. As duas fôlhas são simétricas em relação ao eixo do alvado, e uma delas ostenta

⁽¹⁾ Tõmo I, p. 166 da 1.^a ed., Lisboa, 1706.

⁽²⁾ *Machadinhas castrejas*, in «Revista de Arqueologia», t. III, Lisboa, 1937.

uma faixa ou manga mais saliente, de 10 mm. de largura, fundida na mesma peça, e com uma decoração



Fig. 1

rectilínea, em espinha, correndo em tôda a volta. O olhal de encabamento tem 8,5 mm. de diâmetro.»

O outro objecto de valor arqueológico, aparecido em 1936, no citado monte do Crasto (como lhe chamam no local) é uma boa escultura romana, de bronze bem patinado, e representa um cavalo (fig. 2). O seu tamanho é miniatural, pois mede na maior altura, tomada da parte superior da cabeça até à pequena placa que serve de base à escultura, apenas 33 mm. Pesa 46 gramas. E', sem dúvida, um objecto votivo.

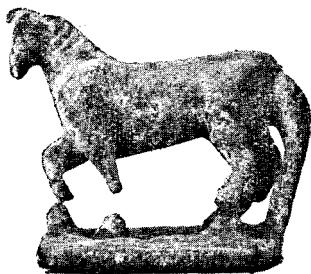


Fig. 2

Finalmente, na parede de uma propriedade rústica pertencente ao Sr. P.^e Carlos Simões, próximo da sua casa, encontra-se incrustada uma ara, dedicada a Júpiter, com a seguinte inscrição, já muito obliterada (fig. 3), por estar exposta ao tempo:

IOVI | OPTIMO | MAXSIMO |

Contém, como se vê, apenas a dedicatória, que ocupa as três primeiras linhas, faltando o resto da inscrição. A face aparente mede 43 cm. X 54 cm., e as letras, de 5 cm. de altura, muito rudes, revelam a inabilidade do gravador indígena.

Esta inscrição, certamente proveniente do mesmo

castro onde foram encontrados os bronzes descritos, apresenta a particularidade de ter insculpida a palavra *Maximo*, mostrando um *s* depois do *x*, tal como numa epigrafe do Museu de Martins Sarmiento, também dedicada a Júpiter e proveniente de Cerzedelo (Guimarães) (1).

Na mesma Secção do nosso Museu existe ainda, sob o n.º 28, uma outra ara a Júpiter, contendo esta forma: *Maxumus*. E' proveniente de Amarante (2).

O *Corpus Inscript. Latinarum* (vol. II), regista outras inscrições semelhantes em lápides provenientes de Portugal e de Espanha (*Optumus maxumus*, vol. II, n.º 170, *maxsumus*, idem, n.ºs 2104 e 2697).

Aqui fica arquivada a notícia destas três lindas peças arqueológicas, merecedoras de lugar especial num Museu público, e que, por êsse facto, o seu possuidor está na intenção de, juntamente com vários fragmentos cerâmicos aparecidos no mesmo castro, ofertar um dia ao Museu de Martins Sarmiento, em homenagem à memória do grande investigador vimaranense, que tão dedicadamente trabalhou pelo progresso da sciência portuguesa.

M. C.



Fig. 3

(1) Vidè «Catálogo do Museu de Martins Sarmiento, parte I — Secção de escultura e epigrafia», Guimarães, 1935, N.º 32, p. 49, e também o artigo «Para o Panteão Lusitano», in «Dispensos», de F. Martins Sarmiento, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1933, p. 303.

(2) Vidè «Catálogo» citado, p. 45.